

I- Introdução

Por ocasião do relatório anterior, apresentamos uma sistematização dos dados referentes ao processo de transformação tal como vem se desenvolvendo entre os índios Gaviões do Posto Indígena Mãe Maria.

Desta maneira, foi apresentada a localização do grupo, suas referências na bibliografia sobre os Jê-tupinambá e a necessidade de uma nova abordagem da problemática, considerando a natureza da interconexão dos processos de transformação social, enquanto estratégias. De acordo com esta perspectiva, grande ênfase foi dada à história dos grupos e seu contato recente com a sociedade nacional (através de depoimentos-discursos de um chefe Gavião), não como um "background" introdutório, mas enquanto objeto central do estudo.

Do mesmo modo, apresentamos detalhadamente o papel da exploração econômica da castanha-do-Pará e das relações com o órgão tutelar, como uma das variáveis fundamentais no decorrer deste processo de transformação. E, finalmente, foram incluídos dados populacionais e alguns aspectos da organização social do grupo tal como foi encontrada e da retomada dos ciclos cerimoniais, enquanto mecanismo de fortalecimento da identidade étnica, fazendo operar um sistema de representações específico. Isto, a partir do momento em que passaram a gerir o processo produtivo da castanha como um todo.

A partir de então, com uma nova permanência em campo, pretendíamos complementar o material, abordando a visão que têm dos Gaviões aqueles segmentos da sociedade regional que com eles interagem de modo crescente, sobretudo ao nível dos estereótipos vigentes e das transformações ocorridas também neste plano.

No entanto, não dispomos ainda deste material, pois uma estadia mais prolongada em campo está por ser realizada, quando deveremos inclusive permanecer por mais tempo entre os Suruí - o grupo Tupi compreendido no plano inicial de pesquisa. Para dar conta do processo de transformação tal como vem ocorrendo entre este grupo - e sua diversidade específica em relação aos Gaviões - será fundamental a complementação dos dados disponíveis. Neste relatório, apenas uma sistematização preliminar é apresentada.

Acreditamos que só após o devido 'mapeamento' do conjunto de variáveis fundamentais destes processos de transformação é que será possível criar 'espaço' com vistas ao aprofundamento teórico da problemática. Nisto vai consistir então toda a próxima etapa da pesquisa. E para tal faz-se necessário o acompanhamento das rápidas mudanças que continuam a se verificar entre estes grupos, por um período de tempo ainda indefinido, pois considerando que lidamos com a própria história que se está fazendo - e a complexidade de que se revestem estes processos de transformação - seria inadequado efetuarmos um recorte analítico neste momento, na tentativa de estabelecer as simples 'categorias'.

II- Localização do grupo e referências na bibliografia sobre os Tupi contemporâneos.

Os Surui, pertencentes ao tronco linguístico Tupi, são localizados na região do médio Tocantins, ^{entre o município de Maranhão e Vitorino} a 200 km ao sul da cidade de Marabá, a sudoeste do Estado do Pará. Situações entre os igarapés Camaleira (afluente do Araguaia) e Grotão dos Caboclos, um dos formadores do rio Sororó (por sua vez afluente do Itacaiunas, um dos principais tributários do Tocantins), os Surui permaneceram exatamente em seu território tradicional, deslocando a aldeia quantas vezes foram necessárias, ao se refugiarem das guerras com outros grupos tribais e, posteriormente, das pressões exercidas pela sociedade regional envolvente.

Segundo Iaraia, autor dos ^{trabalhos publicados até aqui} ~~únicos~~ ^{do grupo} ~~dos Surui~~, tradicionalmente eles tiveram aldeia nas margens do Araguaia, de onde se deslocaram devido a guerras com os "Karajá", refugiando-se ^{em mata} ~~na mata~~. Posteriormente, as guerras com grupos Kaiapó, inimigos tradicionais dos Surui, levaram a muitas mortes ~~entre estes últimos~~. E não são raras as referências a estes episódios guerreiros:

"Do outro lado do rio Itacaiunas, em frente à confluência com o Rio Branco, os Xikria [grupo Kaiapó] encontraram os Madjetire [os Surui, assim chamados pelos primeiros], com os quais entravam em choque" (Vidal, 1972:29).

Em 1951, Iaraia contou apenas 40 índios, os únicos que sobreviveram às diversas epidemias de gripe e outras moléstias advindas com o contato, responsáveis pela enorme depopulação sofrida pelo grupo. Este período foi marcado por profundas alterações na organização sócio-política da sociedade Surui (cf. Iaraia, 1963), o que pode ser constatado ainda nos dias atuais, como veremos adiante. É importante indicar, no entanto, que em 1953 - época do contato efetivo do grupo com um missionário dominicano da "relaxia de Marabá - esta sociedade possuía uma população calculada em cerca de 100 pessoas (cf. Iaraia, 1967 b: 29).

Este mesmo autor, que realizou pesquisas entre os Surui e os Aknáwa-Asurini, afirma ainda que estes dois grupos fizeram parte, num passado não muito remoto, de um único grupo maior, o qual, através de um processo de cisão, desmembrou-se, dando origem a comunidades menores:

"a separação entre os Sarai e os Akudwa-Azurini processou-se, na verdade, antes da travessia do rio Vermelho, quando ambos habitavam o oeste e, ainda hoje, índios agressivos aparecem na região de Altamira com as mesmas características dos Akudwa-Azurini" (Laraja, 1972 a: 15).

Cabe salientar que esta foi uma conclusão formulada pelo autor após a realização de um estudo comparativo sobre aspectos linguísticos, cultura material, organização social e sistemas mágico-religiosos desses dois grupos indígenas.

Sabe-se que este "índios agressivos" aos quais o autor se referia foram contatados em 1971 por A. Soares Cotrim. São também chamados Azurini e estão localizados no P.I. Koatinema, no rio Ipiacaba, afluente da margem direita do rio Kinfa, próximo a Altamira.

no ann. de 9

III- A história do contato recente dos Surui: a castanha e a conquista do território

Segundo ainda o mesmo autor,

"Foram os garimpos de cristal de rocha, de baixo Argentina, que determinaram uma maior penetração na área tribal dos Surui, e que possibilitou um maior contato e conseqüente "pacificação". Mas as primeiras notícias que temos desses índios datam de 1923 e foram transmitidas laconicamente por Frei Antonio Sala, na revista dominicana Guayana e Guayana nº 4, abril de 1923 : "Sororós, raça ainda não identificada, meio brava, vagam pelas cabeceiras de rio Sororó, afluentes do rio de Itacumbunha, defronte da povoação de Santa Isabel" (Larain, 1967 b:28-29).

[Veremos que formas específicas de resistência passiva (e passiva) às pressões exercidas sobre a sociedade Surui caracterizam o processo de transformação que vem se desenvolvendo entre este grupo.]

Segundo Larain, "foram fatores econômicos de uma mesma ordem, decorrentes da atividade extrativista que estimularam os regionais a penetrar nas áreas tribais [referindo-se aos Akuri, Aaurini e aos Daviões, além dos Surui]. É a história dessa penetração está ligada ao início da exploração intensiva da castanha na região" (Larain, 1963:68).

A exploração das castanhas desta região ao sul de Marabá começa por volta do início da década de 40. Foi quando os então aventureiros - háje grandes proprietários da região - começaram a se estabelecer e, disputando castanhas no território Surui, passaram a empreender expedições de extermínio ao grupo, com emboscadas e incêndiamento de suas aldeias.

Por volta de 1947, quando os coletores de castanha estabeleceram uma "colocação" no local denominado 'Cajueiro', próximo de uma antiga aldeia, os índios montaram uma aproximação. O ^{marabá} proprietário da "colocação" e seus empregados abriram fogo contra os índios, ferindo alguns deles. Data desta mesma época a primeira mudança para a aldeia atual, distante cerca de 8 km de 'Cajueiro'.

Em 1952, frei Gil Gomes Leitão, ^{então ligado à} Prelazia de Marabá, realizou a primeira tentativa de contato com os Surui. Partiu

[Então informações um me foram dados período em SP, em jan de 76]

com alguns homens de Xambicó, ^{as margens} de Araguaia e, ao chegar à aldeia, encontrou-a deserta. Os índios teriam pressentido a sua aproximação e, receosos, refugiaram-se mais uma vez na mata. Vários presentes foram deixados na aldeia abandonada. Alguns dias depois, os Surui fizeram incursões por três casas de sertanejos, próximas ao Igarapé Xambicó, onde deixaram jabutis, bananas e adornos plúmbeos, retribuição esta que causou um certo pânico na área.

No ano seguinte, Frei Gil conseguiu o seu primeiro contato com a população Surui que o aguardava na aldeia. No entanto não lhe foi permitido pernoitar, o que só conseguiu em 1960. Visitava anualmente a aldeia e sempre levava inúmeros presentes.

Entusiasmados com os resultados dos contatos com o missionário, "em outubro de 1957, nas margens de Sorocrominho (principal afluente de Sororó), próximo ao local denominado 'Portaleza', os Surui tentaram uma nova aproximação com os castanheiros. Foram repelidos à bala, um índio morreu e três outros ficaram feridos" (Iaraia, 1957 b:30).

Refugiaram-se então nas cabeceiras dos igarapés, dentro do mesmo território tradicional, onde a sua permanência está ^{verdade} ~~causada~~ pelo fato de que a relação com a terra, as antigas aldeias (e os mortos lá enterrados) está fortemente ^{causada} ~~causada~~ um plano mítico-religioso. Assim, os 25 anos de contato com a sociedade nacional foram marcados exatamente pela conquista de uma pequena porção daquele mesmo território.

Durante muito tempo, a assistência aos Surui foi prestada pelo próprio Frei Gil, diante da ^{completa} ~~ausência~~ ausência de agentes do antigo Serviço de Proteção ao Índio. No entanto, as invasões no território Surui eram frequentes nos períodos de ^{ausência} ~~ausência~~ ausência do missionário.

"Maxend, o velho chefe, morreu em abril de 1960. Durante longos anos fora o guia da pequena tribo; sua morte ocasionou uma situação de consternação, agravada pela morte de outros homens idosos, também vitimados pela gripe. Um regional, João Corrêa [conhecido como João 'Peito Largo'] aproveitou-se desta situação e conseguiu ganhar a confiança da tribo. Isto graças também à companhia de duas índias Karajá, uma das quais

Só em 1973 a Fundação Nacional do Índio instalou um Posto na área, a PI Sororó, denominado.

cedeu a um homem Surui. Antes que o novo 'Morubixawa' conseguisse firmar-se na liderança da tribo, João Correia passou a ter um papel proeminente, quase de chefe, procurando transformar os índios em "caçadores de peles".

Sob o pretexto de "civilizar" os Surui, adotou medidas como cortar os cabelos dos homens, vesti-los, construir-lhes habitações de tipo neobrasileiro, com a separação das famílias elementares, introduzir-lhes novas necessidades alimentares, como o arroz, sal, café e o açúcar. Aproveitando-se da boa receptividade encontrada por parte dos índios, levou para as suas terras mais 25 caçadores que prostituíram as mulheres, devastaram as roças, aceleraram a difusão da gripe, o que veio resultar numa letal epidemia que reduziu a tribo a 40 índios. O fato de ter impedido os Surui de cultivarem as suas roças, sob a falsa promessa de que ele proveria os índios do necessário, provocou no ano seguinte um período de penúria. Os índios, outrora excelentes agricultores, ficaram na dependência do missionário e de outros habitantes da área.

Em setembro de 1950, Frei Gil foi cientificado da existência de aventureiro. Mandando-se de uma procuração do SPI, dirigiu-se para a aldeia, de onde expulsou os intrusos." (Larain, 1957 b: 30-31)

O contato com os sertanejos, recebidos com ilimitada confiança pelos índios após a morte de ^(atual 60) Murupá, foi marcado por epidemias de varíola, varicela e gripe. Os Surui passaram a iniciá-los efetivamente com o uso de roupas, o corte dos cabelos e a construção das casas, desfigurando o padrão tradicional de uma única moradia, abrigando famílias extensas. Já a aldeia encontrada pelo missionário no primeiro contato possuía duas casas, no estilo regional.

Para evitar novas invasões, o frei levou para a área um casal de regionais, que construíram um rancho a três km da aldeia e lá permaneceram até 1953. Neste período, os Surui puderam retornar, ainda que temporariamente, alguns de seus costumes tradicionais. A habitação de tipo regional foi destruída, alguns índios deixaram crescer os cabelos novamente e o grupo

plantaram

(392hl)

Na safra de castanha de 1975, a situação foi a seguinte:

"COLOCAÇÃO"	"TRABALHADORES"	DESTINO DA PRODUÇÃO IMEDIATA
"Tracó", "Taboquinha" e "Borracheiras".....	Ayi, Pytama, 'Galego' e Ilmar (estes dois, "civilizados").....	TODA para o Sr. Almir Moraes
"Pedra Preta".....	Tirémé	idem
"S. Raimundo".....	Tibaku e Francisco (este, castanheiro de Sr. Braga).....	TODA para o Posto
"Quatro Barracas"	Tirémé e Sawarapi	METADE para o Posto e METADE para o Sr. Braga
"Cupu I"	Arakani e Awassai.....	TODA para o Posto
"Alegria"	Awassau, Sawara'd, Mihó e Marahi	TODA para o Sr. Braga
"Cajueiro"	Tawé e Havé	idem
"Água Fria".....	Massama e Kaká	TODA para o Posto
"Pau Preto"	Ernani ("civilizado")..	TODA
"Satandé".....	Massama e Mihó.....	idem
"Borracheira II".....	Tirémé e Ayi	(ficou na mata)
"Pau Preto II"	castanheiros de Sr. Almir.....	TODA para o Sr. Almir Moraes
"Açaisal".....	(não foi tirada)	
"S. Joaquim".....	Tibaku e Francisco (mas não tinha castanha)	
"Olho d'Água".....	Ernani.....	TODA para o Posto
"Pedra Branca"	Tirémé.....	idem
"Centrinho".....	(não foi tirada)	
"Oham-Oham".....	Sawarapi (mas não tinha castanha)	
"Tracó II".....	(não tinha castanha)	
"Centro Novinho".....	Ernani.....	TODA para o Posto
"Tracó III".....	Sawara'd, Awassau, Mihó e Marahi.....	METADE para o Sr. Braga e METADE para o Posto
"Deserto", "Cipó", "Cupu II", "Jacubim" e "Matum".....	"civilizados"	TODA para o Sr. Braga

"Nova Descoberta", "Gogáwire",
 "Caracol", "Carrasco", "Centro Novo", "Lagca" e "Cajueirinho" "civilizados" TODA para o Sr. Almir Moraes

1975
 [Como pudemos observar, das 35 "colocações" enumeradas pelos Surui, localizadas dentro da área indígena, 12 foram exploradas efetivamente pelo Sr. Almir Moraes, 13 pela FUNAI (índios e regionais coletores), 7 pelo Sr. Braga e 2 pelos dois últimos. Mas das 13 "colocações" exploradas através do Posto, apenas 8 o foram efetivamente.

Desta maneira, 10 componentes da aldeia Surui trabalharam para o Sr. Braga por uma única questão: o recebimento de "vales" pela produção entregue, o que lhes garantia, de certa forma, o pagamento ao final da safra pela sua utilização enquanto mão-de-obra coletora, o que jamais ocorrera através da administração dos agentes da FUNAI.

A submissão dos Surui aos funcionários do Posto da FUNAI, que sempre administraram a safra de castanha é de tal forma acentuada que as decisões tomadas, na verdade, por estes últimos. Acabam por dirigir a vida do grupo, encarregando-se das resoluções mais importantes, [enfrentando esses obstáculos e difusas resistências por parte dos índios que, de um modo ou de outro, foram dominados pelo "poder do barracão".]

O trabalho dos Surui era pago, individualmente, por aqueles funcionários, com mercadorias adquiridas (raramente de acordo com as solicitações) nos centros urbanos próximos (São Domingos do Araguaia e Marabá). Entretanto, muitas vezes aquela renda obtida era por eles manipulada, uma vez que o pagamento era efetuado diretamente ao chefe do Posto pelo fazendeiro.

→ Mas a obtenção de mercadorias básicas (sal, querosene, munição) ao menos no decorrer da safra, enquanto pagamento pelo árduo trabalho de coleta de tão pouca castanha levou-os, a partir de 1976, a organizar sucessivos ataques {saques} aos "barracões" dos grandes castanheiros nos limites da área, que nos períodos de safra ficam em posse dos dois latifundiários, ocupando assim efetivamente dois terços do território Surui. [Intimidando o "encarregado" do "barracão" e os castanheiros (coletores), eles obtinham os bens de que necessitavam: farinha, espingardas, munição, café, açúcar, sal, panelas, etc.]

Houve épocas em que o temor aos "ataques dos caboclos"

...
 dificultava a arregimentação de mão-de-obra coletora para aque-
 les castanhais "em litígio", por parte dos grandes proprietários

[Um terceiro grande proprietário da região, Sr. Carlos
 Hollanda, residente em Marabá (como os outros dois, que são po-
 líticos locais)] até 1974 ocupava uma parte de último terço do
 território Surui. Esta porção, ^{considerada} não muito rica em castanhais, foi
 devolvida aos índios mediante acordo ^{feito} com o proprietário vizinho,
 que reconheceu ^o população tribal ^o a antiguidade de ocupação da
 área [Por volta de 1940 os Surui tiveram lá uma aldeia].

Desde ¹⁹⁷³ existe ^{no} interior da área indígena ^{(ao nor-}
 te) ^{uma} pequena ^{área} que foi ^{desmatada} por um regional, para plan-
 tio de capim e formação de um pasto, que começou a ser cercado
 em 1975, com o conhecimento dos Surui e dos agentes locais do
 órgão tutelar. [Mediante uma negociação] A permanência de intruso
 acabou sendo aceita pelos índios, sob a condição de que também
 estes se utilizassem daquele pasto para o seu pequeno rebanho
 de gado bovino. [Hoje]

Em setembro de 1974, os Surui foram transferidos para
 uma nova aldeia, onde se fixara inicialmente a sede do Posto da
 FUNAI. Aquele local, abandonado no início do ano seguinte, havia
 sido escolhido pelo trabalhador braçal daquele Posto Indígena,
 tendo em vista ^a "beleza da paisagem". No entanto, apresentava
 péssimas condições de fixação para o grupo: escassez de água,
 raridade de caça nas redondezas, além de ^{um} terreno ^{extrema-}
 mente pedregoso e acidentado. Estas condições provocaram, em
 abril de 1975, o retorno ao antigo aldeamento, totalmente recons-
 truído pelos índios, de acordo com padrões regionais: 14 moradias
 de duas águas, em duas fileiras paralelas, onde habitam as famí-
 lias elementares. A proximidade da estrada - a OP-2, que liga
 a rodovia Transamazônica a um povoado chamado S. Geraldo (nas
 margens do Araguaia e distante 90 km da aldeia) - e dos núcleos
 populacionais ao longo dela (e o mais próximo é S. Raimundo a
 apenas 8 km da aldeia) e as constantes incursões de "civilizados"
 à procura de medicamentos e alimentos foram outros fatores que
 os levaram a abandonar aquele local. [E]

Em 1976, a FUNAI reconstruiu a sede do Posto ^{a 50 m da} junto à
 antiga aldeia (a 50m dela).

X A revisão do antigo decreto de interdição da área Surui
 foi iniciada a partir de 1975 e intensificada no ano seguinte,
 quando então coordenávamos o chamado Plano Integrado de Desenvol-

vimento Comunitário Gavião-Surui⁵, através da FUNAI. Vários mapas detalhados do território tradicional foram elaborados pelos próprios índios e encaminhados à cúpula do órgão tutelar, em Brasília.⁵

No entanto, por ingerência dos latifundiários vizinhos, alguns agentes regionais da FUNAI passaram a persuadir os Surui a abandonarem a idéia de reaver aqueles castanhais, em troca da oferta de uma área de velhas "capoeiras" ao longo da pequena estrada, exatamente onde os posseiros haviam se fixado.

Nesta ^{naquela época} ~~mesma~~ ocasião, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) procedia ao levantamento desta população para a entrega de títulos de ocupação e a questão do território tribal ali encrustado deveria ser rapidamente solucionada. Assim, alguns agentes do órgão tutelar, juntamente com os do INCRA, chegaram a se deslocar até a ~~área~~ ^{aldeia} indígena para, a revelia da cúpula da FUNAI, dar início à demarcação do "novo território" proposto.

Registraram-se ^{na} ~~nesta~~ ^{aldeia} ocasião uma ^{reunida} reação [violenta] por parte dos ^{Surui} índios, que expulsaram aqueles agentes da aldeia, flechando o veículo que os transportava. ^{represent. formalment.} Este episódio fez com que cessassem ^{estas} ~~tais~~ atitudes ^{de expulsão} ~~de~~ ^{manipuladora} ~~de~~ ^{de afetos} ~~de~~ ^{empresariais} ~~de~~.

Os posseiros, que temiam ^{por sua vez} a desapropriação e procuravam os índios para obter esclarecimentos ^{da situação}, de Surui, reafirmando seus laços de solidariedade, declaravam que "ficassem tranquilos", já que aquelas terras "não lhes interessavam". ^{Atualmente afirma Wacruí: "no tem coco e kamara!"}

Diante da garantia de finalmente reaverem o território tradicional e os grandes castanhais, a produção da safra de castanha de 1977 foi gerida pelos Surui e não mais pelos agentes locais do órgão tutelar. A comercialização desta produção a especuladores da vizinhança foi manipulada por [Tibaku], um ^{umio componente} ~~índio~~ ^{do grupo} considerado "marginal" pelo grupo (que assim deposita nele pouca confiança), devido ao fato de ter saído por duas vezes da aldeia na sua adolescência, residido ^{em São Paulo} em São Paulo (onde foi operário numa indústria de móveis) e, portanto, "ter deixado de ser Surui", como dizem vários componentes do grupo. ^{Hoje ele vive em sua}

A pouca renda obtida naquela transação comercial foi

⁵ Como mencionou Tibaku em seu depoimento. Vide um fac-símile em anexo.

⁴ família voluntária sul da área, onde tem um pequeno estabelecimento comercial, junto à rodovia SP-2, R. Moisés de

totalmente dispendida por ele em Marabá, em benefício próprio (e de sua família), apesar das "encomendas" que haviam sido feitas por diversos outros que tinham trabalhado na safra.

^{uma} Só em meados de 1977 o antigo decreto foi revogado com ~~a devida~~ ampliação do território Surui, através de um dispositivo interno da FUNAI, a "demarcação administrativa", que não requer decreto presidencial. ^o Ao final deste mesmo ano foi concluída ^{uma} nova demarcação da área, segundo a proposta dos índios que recuperaram assim, ao menos de direito (mas não de fato, como veremos a seguir) a posse dos grandes castanhais e parte da área das antigas aldeias.

No entanto, persistiram as pressões dos fazendeiros. Logo no início da safra daquele ano, seus castanhais cercaram imediatamente a área, o que levou os Surui a organizarem novos ataques, pondo em uso ^{os} aqueles estereótipos ^{de} "caboclo bravo" - que eles mesmos haviam criado para intimidar os castanheiros, ^{em} ~~como ocorrera anteriormente.~~ ^{manipulados} ^{em} ~~uma~~ ^{em} ~~ocasiões anteriores.~~

(98) ⁹⁸ Através de informações que obtivemos da Prelazia de Marabá recentemente, ^{em 1977, os} ~~os~~ ^{próprios} ~~índios~~ ^{Surui} administraram este ano a safra da castanha novamente, sem, no entanto, terem nela trabalhado. Contrataram mão-de-obra regional para efetuar toda a coleta, afirmando que "agora a gente não faz mais serviço pesado. Bota é kamará pra trabalhá!" E o resultado foi que com os 55 mil cruzeiros ^{uma} obtidos com a comercialização da produção (e não sabemos se a coleta foi realizada também naqueles grandes castanhais), remuneraram todos os regionais, sem restar qualquer dívida ou mesmo algum dinheiro para a aquisição de mercadorias indispensáveis. Ficaram sem roças e tiveram que ser alimentados pela FUNAI no decorrer ~~deste~~ ^{este} ano. ^{de fonte.}

20

IV- Dados populacionais e transformações no sistema de organização social.

Decorridos 25 anos de contatos permanentes com a sociedade regional, os Surui sofreram inúmeras alterações em seu tradicional sistema sócio-político-cultural. A drástica redução da população nos anos, que, imediatamente, antecederam e sucederam o contato inicial é um fator que deve ser considerado como o causador de várias mudanças.

Mas, a partir de meados da década de 70, observamos um vigoroso processo de crescimento demográfico.

ANO	POPULAÇÃO TOTAL
1953	100 (estimada)
1961	40
1969	42
1975	66
1976	74
1977	73 (aj.)
1978	79 (corr.)
	80

1981 - 83

(net.)

83

83 (corrigido p. 4 anos)

Não observamos a existência de "arranjos poliandricos" na sociedade Surui. Esta forma de arranjo, constatada por Laraia em 1961, época da fase mais aguda do processo de depopulação que o grupo atravessou, tinha por objetivo "atenuar os problemas decorrentes da escassez de mulheres na tribo. Não se trata de uma forma totalmente sancionada, mas apenas tolerada, talvez só enquanto persistir o desequilíbrio demográfico" (Laraia, 1963:74). Ao que tudo indica, os arranjos poliandricos já foram abandonados pois, como previa o autor, o equilíbrio entre os sexos (entre os adultos) foi praticamente restabelecido, existindo apenas dois homens solteiros.

Os dados que recolhemos sobre o parentesco Surui são limitados e esparsos, devido ao curto espaço de tempo que permanecemos entre os Surui. A ênfase dada a outros aspectos da vida daquela sociedade. Assim, faremos aqui apenas um resumo dos dados fornecidos por Laraia sobre o sistema de parentesco Surui, os quais se encontram em diversos trabalhos de sua autoria. Na medida do possível, mesmo correndo o risco de apresentar informações imprecisas, introduziremos dados obtidos posteriormente.

Em 1961, quando de sua primeira visita aos Surui, Laraia constatou que esta pequena tribo estava dividida em 5 grupos de descendência unilinear: saopakania (gavião), koaci-arió (quati)

karajá, pindawa (palmeira) e ywyra (pau). Afirma também que "as genealogias indicaram a existência de mais dois grupos, sakariorara e ywirapara, hoje extintos" (cf. Laraia, 1967 b:43).

tram Estes grupos de descendência unilinear indicados acima são considerados como elas ~~por este autor~~, pois eram exogâmicos, possuíam uma chefia e atribuições específicas. Regras de residência patrilocal e descendência patrilinear foram igualmente observadas pelo autor. Em uma nota de rodapé, encontramos a seguinte informação:

"Os koaci-arúo detêm a chefia e a caça lhes é interdita. Juntamente com os ywyra são bons agricultores, sendo que a caça é permitida aos segundos. Por sua vez, os saopakania são excelentes caçadores, desprezam a agricultura e parecem ter mantido os encargos guerreiros. Quanto aos karajá e pindawa, pouco sabemos de suas atribuições" (*idem*, *ibid*).

Num outro trabalho, Laraia afirma que "Numa sociedade como a Surui, por exemplo, que possui cinco grupos de descendência unilinear, rigidamente exogâmicos, sendo que os novos membros são automaticamente recrutados pelo clã paterno, não há como duvidar de uma regra de descendência patrilinear (...) Um outro dado comprobatório desta regra é a existência de uma chefia hereditária, que pertence sempre ao mesmo clã (koaci-arúo)" (Laraia, 1972 b:32).

Nossas observações confirmaram a existência de cinco grupos ~~exogâmicos~~, ^{MAS NA PRÁTICA} ~~patrilineares~~ ^{EXOGÂMICOS} saopakania, karajá, koaci-arúo, kaiu (almescão) e ynataid (coqueiro). Não fixaram referência alguma aos clãs ywyra e pindawa, indicados por Laraia. O termo ywirapin também foi utilizado no lugar de saopakania, já que ambos vêm a ser "gavião", embora de espécies diferentes.

Ver x Não parece haver mais "especialização" por clãs, não parece de forma tão nítida como a descrita por Laraia, e mesmo a chefia está nas mãos de um ^{Karajá} koaci, como veremos adiante. Quanto ao fato de serem rigidamente exogâmicos, constatamos ^{PAR} um caso de matrimônio entre indivíduos do mesmo clã, ^{PAR} [Karajá e Kaiu], ^{PAR} saopakania. Indagando se ^{PAR} tal casamento não seria proibido, ele afirmou que sim, mas justificou-o considerando a falta de mulheres. Encontramos muita dificuldade em obter informações quanto as regras matrimoniais, número e características dos clãs junto aos homens mais novos. Somente os mais idosos puderam

fornecer alguns esclarecimentos.

Segundo Larais (1967 b: 44-45 e 1972 b: 45), a etimologia do sistema de parentesco Surui é a seguinte:

<u>amoca</u> - PP, Pa	<u>henyra</u> - i
<u>isarosa</u> - nP, nm	<u>itotyra'yra</u> - Fm
<u>ina</u> - P, IP	<u>itotyrasyra</u> - fM
<u>inea</u> - n, im	<u>isassenenyra</u> PIP, fIP
<u>itotyra</u> - Im	<u>tyrayra</u> - P, PI (também <u>ciwá</u>)
<u>iseste</u> - IP	<u>acyra</u> - f, FI
<u>ekoyra</u> - I mais velho que Ego	<u>hekosara</u> - FI, fi
<u>tyrayra</u> - I mais novo que Ego	<u>nissamoina</u> - PP, IP, PI, FI

São esposas preferenciais para EGO as mulheres a quem ele denomina itotyrasyra, hekosara e isassenenyra (isto é, filha do irmão da mãe, filha da irmã do pai e filha da irmã).

O chefe dos Surui - chamado "capitão", pelos agentes do órgão tutelar tendo em vista a necessidade desse elemento mediador ^{of an agency of a gov't.} de Sawara'á, de ela babakaná. Sabe-se, entretanto, que a chefia tradicional deste grupo Tapi é hereditária e pertence ao clã koaci-ará. E, de acordo com a observação de "araia, "não existem lutas internas pela chefia tribal, porque esta é hereditária, pertencente ao clã koaci-ará cujos membros julgam-se descendentes diretos de Mahira, acyra (avó) de todos os Surui" (Larais, 1972 b: 57).

Quando o velho Majená morreu (um Koaci, chefe do grupo na época do contato), seu filho mais velho, Saraku, mesmo sendo o primogênito, não substituiu o pai. Kuarikuara, segundo filho de Majená, herdou a chefia, pois Saraku era considerado um "marginal" no seio de seu grupo, de acordo com as informações de Larais (1967 a). Saraku e Kuarikuara faleceram em 1962. Assumiu então a chefia o filho mais novo de Majená, Keati. Com a morte deste último, logo em seguida, a chefia ficou durante muito tempo com Awamassa, do clã Karajá, pois Saraku e Kuarikuara tinham deixado filhos ainda pequenos (Sawarapi e Api, respectivamente) e Keati não deixou descendentes. O clã da chefia, desta forma, ficou desprovido de elemento adulto.

Segundo os Surui, data mais ou menos desta época a "escolha" de Sawara'á para a chefia, a qual teria sido imposto ao grupo por um kamará. Uma das características dos grupos Tapi é a sua chefia difusa entre os homens adultos. Embora Sawara'á se-

faça a necessidade de representação uma

disputa pelo poder → disputa de liderança

relação terminológica

ja chamado "capitão", ^{o sistema de duplo e liderança entre os juruá} [na realidade Awamassu] ^{distribuição entre todos os} é um dos chefes políticos do grupo (fazendo questão de dissimular sua influência), bem como no Sawarapi. ^{homens maduros do grupo, e) especializar-se em...}

[Parece haver consenso quanto à futura transmissão da chefia de Sawara'á para Api (filho de Kuarikuara e portanto do clã koaci-arú), que se casou com a filha de Awamassu, forma por este encontrada de continuar manipulando as relações de poder entre o grupo.]

Desta forma, a depopulação e o crescente intercâmbio com a sociedade regional são responsáveis pelas profundas alterações verificadas no plano da organização social, ao nível das regras matrimoniais, divisão em clãs, etc. ^{sexual do trabalho - e distinção fusões em clãs...}

[Embora ainda hoje existam dois homens adultos solteiros, sem possibilidades imediatas de encontrarem esposas no grupo - ^{mas se verifica apenas um caso de casamento interétnico, Pytema, casado com uma mulata - e fato de frequentarem prostíbulos das redondezas} mas se verifica apenas um caso de casamento interétnico, Pytema, casado com uma mulata - e fato de frequentarem prostíbulos das redondezas mas com que os arranjos poliândricos não se verifiquem mais.]

2 caso em 78
2 em 81
3 em 83

O reduzido número de homens adultos engendrou, por exemplo, a adoção de uma nova forma de divisão sexual do trabalho, obedecendo em grande parte aos padrões vigentes no âmbito da sociedade regional, o que parece ter solucionado o problema da obtenção de alimentos. [Devemos indicar ainda ^{um relato} que o desconhecimento (pelo menos aparente) por parte dos ^{adultos} mais jovens, embora já adultos, dos padrões tradicionais de organização social ~~deste grupo~~ do Tupi, bem como do procedimento para transmissão de nomes (também hereditários), manipulado apenas por um velho xamã, Awassai.]

Com a morte de Muxená, todos os nomes pessoais dos componentes do grupo foram substituídos. Esta prática é tradicional entre os grupos Tupi, apontando para mecanismos reguladores da vida da aldeia, controlados pela "vida dos mortos". A dominância desta esfera místico-religiosa, enquanto responsável pela reprodução de formas sociais específicas dos grupos de língua Tupi já foi apontada anteriormente em relação à permanência do grupo no mesmo território tradicional. Voltaremos futuramente a tratar desta questão, de modo a aprofundá-la.

6 No entanto, recentemente ocorreram duas mortes de mulheres adultas entre os grupos, (uma delas era xamã) e tal mecanismo não se verificou.

É a pouca frequência que se observa a realização de

[E há muito tempo que não se realizam mais] cerimônias que marquem as atividades do grupo (como plantio e colheita de novas roças), ou mesmo os rituais de iniciação masculina. A cerimônia de perfuração do lábio inferior dos "iniciandos" (também) não se realiza mais desde a morte do velho Muñá, em 1960.

As práticas de cura, executadas pelo mesmo Awassai, limitam-se às crianças, pois os adultos procuram os medicamentos do Posto. O tabaco não é mais cultivado para a confecção dos longos cigarros das cerimônias religiosas. Os cantos noturnos, dirigidos pelos xamãs não são frequentes. [São realizados, muitas vezes, para exibição aos visitantes.]

Embora quase todos sejam bilíngues, a língua efetivamente utilizada pelo grupo é o Tupi, característica marcante da identidade ~~de~~ ^{da} ~~grupo~~ ^{da} ~~contato~~. — a roça

As atividades para obtenção de alimentos são executadas com o auxílio de facões, machados, espingardas, anzóis, etc. (e, como vimos, a coleta da castanha vem obedecendo a um sistema de trabalho semi-servil, predominante na região.) Alimentos como arroz, feijão, café, açúcar e sal, por exemplo transformaram a dieta tradicional do grupo há muito tempo e mercadorias como lanternas, pilhas, isqueiros, lamparina, querosene, utensílios domésticos, sabão, etc. introduziram novos hábitos e necessidades.

Com o abandono também da fabricação da cerâmica, os utensílios domésticos são adquiridos nos centros urbanos, bem como roupas, calçados, rádios portáteis, eletrolas, malas, óculos escuros e uma infinidade de outros objetos.

→ O trabalho nas roças é uma atividade tradicional realizada ainda pela família nuclear entre os Surui, embora as tarefas femininas sejam muito restritas agora. Cada família tem a sua [pequena] roça de mandioca, batata, milho, inhame, cana, algodão, banana e arroz.

~~As~~ ^{as} ~~casas~~ ^{casas}, galinhas, ~~coelhos~~ ^{coelhos} e jumentos (os últimos, enquanto o meio de transporte essencialmente utilizado na região) foram ~~introduzidos~~ ^{introduzidos} há muito tempo, assim como o cultivo de ~~espécies~~ ^{espécies}.

[Observamos também que o trabalho tende a cessar nos fins-de-semana, aparentemente conforme o padrão ocidental da "semana de cinco dias". Alguns componentes de várias famílias possuem, além do nome em língua Tupi, nomes ou apelidos brasileiros (Sawara'á ou Manoel, Va'wai ou Rosa, Wareni ou "Moreninho", etc.). Outros

já viveram e trabalharam em grandes centros urbanos - para onde foram levados na adolescência por Frei Gil - são alfabetizados e não se consideram iguais aos mais velhos do grupo.

Conclui Finalmente, talvez não fosse apressado afirmar que toda a sorte de manipulação a que os Surui estiveram e estão sujeitos, por parte de todos os segmentos da sociedade nacional que, ^{como} podemos observar, envolve-os de modo crescente - missionário, grandes proprietários, posseiros, comerciantes, agentes do órgão tutelar, etc - [não] caracteriza um processo de marginalização ^{na} daquela sociedade, como apontava Laraiá (1967 b), *mas de toda a população do território*

Segundo Barth, "para que um conceito de processo seja analiticamente útil, deve-se referir a alguma ^{coisa} que governe e afete a atividade, alguma coisa que restrinja e canalize o possível curso dos eventos (see) O estudo do processo deve ser um estudo de interdependências prováveis ou necessárias que governam o curso dos eventos" (Barth, 1969:2). Deste modo, o processo de transformação entre os Surui poderia ser entendido considerando um sistema de relações sociais que é específico, operante e coerente com suas representações ideológicas, em oposição àquelas aspectos que foram profundamente alterados com o "contato" (tecnologias, costumes, etc.). Estes aspectos não marcariam de fato as "fronteiras" do grupo étnico, enquanto a organização social e os modos de auto-atribuição e atribuição pelos outros da identidade étnica sim. E é neste plano que se situam as 'interdependências prováveis ou necessárias que governam o curso dos eventos', segundo afirma Barth, e que devem ser investigadas.

As práticas engendradas pelos Surui no decorrer de sua história - sobretudo aquelas voltadas, mais recentemente, para a conquista do território - apontam exatamente para um processo de articulação étnica, ou seja, para uma adaptação à situação interétnica, onde a identidade (étnica) vem sendo por eles manipulada. E esta identidade em termos de uma "identidade contrastiva" (o conceito é de Barth, *idem, ibid*), ou seja, a própria existência do "outro" (no caso, o kamará) exige uma reafirmação do "nós", de modo etnocêntrico para poder persistir enquanto grupo diferenciado.]

E fundamental considerar aqui o contexto desta manipulação, uma vez que ela está voltada para a garantia do território, numa região onde a disputa pela posse da terra tem um caráter

- o baixo Anapuãia.

? } ter eminentemente conflitivo. Esta garantia do território consiste, sobretudo, na possibilidade de assegurar a atualização de formas de organização social "típicas", i.e. consistentes com as particularidades estruturais do grupo étnico, principalmente quando em processo de articulação étnica" (Cardoso de Oliveira, 1976:65).

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, Freder, Ethnic Groups and boundaries: The Social Organization of Culture Difference (org.), Boston Little Brown & Co., 1969.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, Identidade, Etnia e Estrutura Social, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976.
- LARAIA, Régis Barros, "Arranjos Poliândricos na Sociedade Surui", in Revista do Museu Paulista, N.S., t. XIV, São Paulo, 1963.
- "A Fricção Interétnica no Médio Tocantins", in América Latina, ano 8º, nº2, Rio de Janeiro, abril/março, 1965.
 - "O Homem Marginal numa Sociedade Primitiva", in Revista do Instituto de Ciências Sociais, vol. IV, nº 1, Rio de Janeiro, Jan./dez. 1967 a.
 - "Akáwa-Asurini e Surui: análise de dois grupos Tupi", in Revista do Instituto de Estudos Brasileiro da Universidade de São Paulo, nº 12, São Paulo, 1971a.
 - Organização Social dos Tupi Contemporâneos, tese de Doutorado, mimeo, Brasília, 1972 b.
- ... e DA MATTA, Roberto, Índios e Castanheiros, a empresa extractiva e os índios do Médio Tocantins, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967 b.
- QUEIROZ, Renato da Silva, Relatório de Pesquisa Antropológica realizada entre os índios Surui do Estado do Pará, jan. 1975.
- VIDAL, Iux B., PUI-KARÓT, grupo indígena do Brasil Central, tese de Doutorado, mimeo, São Paulo, 1972.